

ESTUDO DO RIFÃO

«Lá vae tudo quanto Martha fiou»

Ha em português um rifão, — *Lá vae quanto Martha fiou* (Bento Pereira, — *Prosodia*), ou *Lá vae tudo quanto Märtha fiou* (forma hoje mais vulgar) —, que significa: *lá se foi tudo!* Um seu synonymo, mas mais grosseiro, é: *Lá vae o burro com as canastras* (Beira-Alta, etc.). Este segundo adagio é facil de entender; mas o primeiro, por causa do nome de Martha, não é tão facil. Vou tentar interpretá-lo.

1. Com elle pôde relacionar-se quanto á fôrma:

a) o italiano *Non è più il tempo che BERTA filava* por «Non é più il tempo della felicità» (*Dictionn. italien, lat. & fr.* de Antonini, Venezia 1755);

b) o francês *Du temps que la reine BERTHE filait* por «au bon vieux temps» (*Dict. de Littré*).

Grimm diz tambem na sua *Mythologia allemã* (trad. inglesa): «In Italy and France, a far distant past ist expressed by the phrase: «*nel tempo ove BERTA filava*», «*au temps que la reine BERTHE filait*». Pag. 280.

Em todos estes adagios existe a ideia de que uma Martha ou Bertha fia.

2. Nas minhas *Tradições pop. de Portugal* citei a crença algarvia das *Jans*, que gosão da virtude seguinte: se deixarem á noite no borralho do lar um pouco de linho e um bolo, encôntrão pela manhã o linho fiado tão fino como cabello; se porém se esquecerem de deixar o bolo ao pé do linho, este de manhã apparece queimado. Pag. 372. O sr. Th. Braga, que tambem cita ésta crença no seu livro *O povo português*, vol. II, acrescenta, segundo uma nota que lhe forneceu o sr. Reis Damaso: «Muita gente verdadeira sustentava que isto era assim, e até conservavão ainda lençoes fiados pelas *Jans*». Paginas 170.

D'esta crença posso aproximar os factos que se seguem:

a) O sr. Ad. Coelho, no seu estudo sobre *As Sereias* (in *Archivio per le tradizioni popolari*, IV, pag. 325 sq.) compara com uma crença asturiana a respeito das *Xanas* a nossa, que elle considera como um «echo enfraquecido e obscurecido» d'aquella. De facto o nome *Xana* corresponde a *Jã* (*x* astur. = *j* port.), com quanto eu ignore a verdadeira origem d'estas fôrmas; alli figura a *lã*, aqui o *linho*; o desfecho é semelhante, embora se encontre noutras lendas. As *Xanas* asturianas vivem nas fontes, como as nossas *Mouras encantadas*, entidades mythicas, que, quanto a mim, absorvêrão em si várias crenças.

b) Em Jacob Grimm, *obr. cit.*, traducção inglesa, lê-se o seguinte a respeito da deusa germanica Holla: «*Industrious maids she presents with spindles, and spins their reels full for them over night;*

a slothful spinner's distaff she sets on fire or soils it. The girl whose spindle dropt into her fountain, she rewarded bountifully». Pag. 269. Aqui a offerenda consiste no *fuso* (spindle); entra de mais a mais a *fonte*, como na tradição asturiana. Continúa Grimm a respeito da deusa Berchta: «Berchta, like Holda, has the oversight of spinners; whatever spinning she finds unfinished the last day of the year, she spoils» Pag. 273.

3. Em Portugal *Santa Iria* é tida como advogada das tecedeiras, porque o povo diz que ella foi tambem tecedeira; em Rôças (Minho — Cabeceiras de Basto) as mulheres levão-lhe um *novelinho de fiado* para o altar, a fim de que as teias saião boas para se poderem vender. Em Canellas (Penafiel) as tecedeiras pendurão *ruda e trorisco* nos teares para não vir alguma *dada* (malefício) às teias. Além de S. Iria, tambem a Virgem, que é a Mãe dos homens, protege as tecedeiras, que cántão (Minho):

Nossa Senhora m'ajude,
Ella me queira ajudar
A *spiar* a minha roca
E a torná-l'á *carregar*.

Fiai, môças, fiai, môças,
Fiai muito dálgadinho,
Que lá vem o mercador.
C'o dinheiro trocadinho.

Minha rôquinha spiada,
Meu fuzinho por incher,
Minha sogra interrada,
Meu marido por nascer.

Nestes ultimos versos foge-se já do sentido serio dos primeiros.

Tambem Grimm, *obr. cit.*, falla de uma advogada christã das fiandeiras: «In Bavaria and German Bohemia, *Berhta* is often represented by *St. Lucia*». Pag. 274, not.

4. No Minho, etc. diz-se que no Entrudo se não deve fiar, porque «se fio' as barbas ó Intruido». Accrescenta-se tambem: No dia de Entrudo não se fia, porque estão as mãos untadas de se comer a carne, e os ratos roem depois o fiado; mas, continúa o povo, como ninguém fia com as mãos untadas, vê-se que isto «são agoiros da gente».

Quem está habituado a penetrar nas superstições populares, reconhece que ha nesta crença um sentido profundo desnaturado pela jocosidade do povo: esse sentido profundo é a prohibição de fiar num certo dia, e o castigo de quem a transgride.

Na citada obra de Grimm lê-se que quando Holda volta para casa, no Entrudo, todos os fiados devem estar completos; se ella encontra as cousas como devem ser, lança a sua benção, e no caso contrario a sua maldição. O dia de Holda tem um certo character sagrado, e é um dia de descanso em que se não fia. Pag. 270; cfr. ainda a not. 2.^a

Parece-me que todos esses factos se podem encadear assim:

Houve uma poderosa entidade mythica *x*, que fiava, e protegia as fiandeiras e tecedeiras, as quaes, como era natural, lhe fazião offrendas; ésta entidade tinha o seu dia, e quem trabalhava nelle era castigado.

D'este facto fundamental foi que sahirão os seguintes (na tradição portugueza):

A. Em primeiro lugar, o nome da entidade perdeu-se, e acha-se representado popularmente no adagio por *Martha*, catholicamente por *Santa Iria* (e por extensão de sentido, pela *Virgem*), menos-catholicamente pelo *Entrudo*. — Sabe-se como na implantação do catholicismo muitas crenças pagans forão sanctificadas, ficando às vezes vestigios puros das primeiras; esse vestigio puro aqui é *Martha*, que era talvez o nome portuguez que ao tempo mais se aproximava do germanico com que se liga *Berchte* e *Perhata* (ant. alto allemão, — vid. Grimm, pag. 272 sq.). Hoje o nome *Martha* não é muito popular, mas foi-o d'antes, como se vê do nome de terra *Santa-Martha-de-Penaquido*, e de outros adagios taes como: *Morra Martha, morra furta*; — *Lá se haja Martha com seus pollos* (B. Pereira); — *Em louvor de Santa Martha, quem comeu que parta*. Num antigo processo da Inquisição figura a *oração de Santa Martha*, em que entra

*Martha, não ja a dina
Nem a sancta,
Senão aquella
que o peccado encanta;*

vid. Consiglieri Pedroso, *Contrib. para una Mythologia pop. port.*, VI, pag. 8 (cfr. o meu *Pantheon*, pag. 295). O sr. Th. Braga compara esta *Martha* com *Má-Martha* que é o nome de um sitio em Cabo Verde, em que o Diabo apparece, — vid. *O Povo Portuguez*, II, 65. Esta expressão *Má-Martha*, bem como a *Martha que o peccado encanta*, tem quanto a mim muito valor, porque mostram o character malevolo que se costuma attribuir ás divindades decahidas, — e *Martha* de certo aqui é uma. Ao lado da Martha má, havia a Martha boa, a *dina*; em Rôças (Minho) ha mesmo uma capella de *Santa Martha*. — Porque é que se escolheu *Santa Iria* tambem? Nem sempre se pôde dar a razão da existencia do nome de um santo numa lenda ou superstição não-christã; isso depende de muitas causas (popularidade, analogia, etc.), algumas das quaes indiquei no meu *Anuario das trad. pop. port.*, 1.º anno, pag. 67-68. Nas nossas tradições *Santa Iria* é uma santa muito querida; tem mesmo um romance sentidissimo, que se repete com mágoa em quasi todo o país, — vid. Th. Braga, *Romanceiro geral*, e o meu *Romanceiro portuguez*, n.º 38. — Ao passo que nas Asturias *Xan* é o nome da entidade mythica a que me refiro, no Algarve *Jan* não é. No Algarve ha differença entre a entidade e as *Jans*; éstas parecem ter

mais ou menos o character de sacerdotisas da entidade *x*, isto é, no caso presente, fiandeiras especializadas. Não se devem estranhar estas applicações diversas do nome, quando a lenda está obscurecida, e só a critica a pôde recompor.

B. Em segundo logar, a offerênda na tradição pagã do Algarve é um bolo e linho; na tradição catholica é um novelo. Ha já uma differença, mas a ideia do *fiado* não desapareceu. No nosso povo existem outras superstições de offerendas de bolos; é mesmo costume em certas festas vender *pãesinhos* especiaes.

C. Em terceiro logar, o castigo de quem violar a santidade da entidade mythica acha-se representado por dois modos: num os ratos roem os fios (cfr. Grimm, *Myth. alemã*, pag. 270, not. 2, da trad. ingl.); noutro o linho é queimado (vid. acima a citação de Grimm).

Nada de admirar que haja em Portugal vestigios tão claros de uma antiga crença em que entrava a industria do linho, pois essa industria é vulgar entre nós, e tem muitas raizes na tradição (arte e poesias populares, superstições, etc.).

Mas esta tradição é mais extensa: Coelho relaciona as Nanas com o mytho das Sereias, Grimm põe em connexão com as aguas e com a neve Holda, que por seu turno se liga a Berchta. Tudo isso sae fóra do meu plano, que consistia simplesmente em relacionar o que havia na tradição portuguesa a respeito de uma crença cuja fórmula ultima é o rifão *tá vac tudo quanto Martha fion*; desde esta fórmula, e das crenças que se aparentão com ella, até á fórmula primitiva do mytho ha ainda um longo e escabroso caminho, pelo qual não posso eu seguir agora.

1886.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.